

Uma história de adaptação, três perguntas e um desejo

Categories : [Colunistas Convidados](#)

Adaptar. A espécie que se adapta, sobrevive, porque tem os recursos e as estratégias mais flexíveis para viver em condições alteradas.

Sempre achei adaptação uma palavra poderosa. Nos complexos debates sobre mudanças climáticas, é um termo singular, porque é intuitivo, se entende fácil, é língua de gente, e não de especialista. Para um futuro que será, no melhor dos cenários, 2°C mais quente e muito mais intenso em eventos climáticos extremos, a necessidade de adaptar é reconhecida sem muito blá-blá-blá. Mesmo assim, mesmo sendo um conceito tão próximo das coisas que posso entender, não havia sentido o pulso da adaptação com tanta força como no quintal da Dona Lucia, descendente de indígenas desterrados e filha do semi-árido.

Sou elite branca do sudeste do Brasil. Isso significa que nos poucos dias em que me faltou água na vida pude estocar garrafas compradas no supermercado da esquina sem apertar o orçamento. Significa também que, mesmo se a falta de água for pior no futuro, provavelmente ainda terei renda e redes para acessar uma solução.

No semi-árido do Nordeste brasileiro, uma das regiões mais desiguais do Brasil, onde a evaporação é três vezes maior que a média pluviométrica (200-800mm/ano) e onde a falta de água é de meses ou anos, as perspectivas são outras. No caminho para o sítio de Dona Lucia, o sítio Canga, passamos por terras secas, avermelhadas como se queimadas pelo Sol, com pouco pasto, menos vacas e várias plantações de cactos. Olhando pela janela do carro, lembrava da cifra que li em 2013 - a seca do ano anterior havia matado 24% do rebanho em Pernambuco e 28% na Paraíba, os homens estavam migrando para os centros urbanos e as mulheres ganhavam o estigma das 'viúvas da seca'. Enquanto encaixava esses dados na legenda da paisagem, apareceu a prova de tudo - três gados mortos e uma dezena de urubus revoando os corpos. Acresentei uma informação nova à minha legenda – a seca segue e a população de urubus cresceu.

Chegamos ao sítio Canga. A casinha no meio do terreno me lembrou a fazenda dos meus bisavôs, no interior do estado do Rio de Janeiro – galinhas, varanda cheia de vasos esverdeados e um canteiro plantado de vida ao redor dos 200 m² da casa. Ali havia cores em nada parecidas com as cores dos filmes que retratam o sertão nordestino.

Dona Lucia nos recebeu sorridente e foi contando, cada vez mais expansiva, como mantinha tão verde as 482 espécies do seu sítio. Como a terra é muito seca, as plantas que ficam no solo e sob Sol forte não crescem nem com reza e rega diárias. Já as plantas em potes e vasos, florescem, porque os recipientes permitem maior retenção de água e porque estão em locais sombreados.

Dona Lucia tem também alguns segredos tradicionais para deixar o solo rico e evitar pragas sem usar veneno, mas esses não posso contar por aqui. Posso só dizer que é coisa de gente sábia, que observa e entende a natureza.

Soluções